

*mada e poderá aceitar a nova semente. Pois se deixarmos nos encantar muito pela harmonia grega, correremos o risco de não dar o primeiro passo da criação — a destruição e o Caos — e de nos encaminhar, antes da hora, para o nosso segundo dever: o equilíbrio que, certamente, não é a missão de nossa geração nesta terra...*

*"...É curioso ou, melhor, é muito natural que a contemplação de tanta beleza, agora que atravessei todos os milages das ilhas do Egeu, me tenha levado a deduções tão contrárias à paz, à quietude e à harmonia!*

*Freqüentemente, manifesto contra a arte e a beleza o mesmo sentimento de ódio que tinham os primeiros cristãos e que têm sempre os primeiros fiéis, contra a bela forma equilibrada do universo, para cuja destruição são convocados a destruir. Pois, na verdade, essa beleza é a grande tentação, Ela dá o encantamento místico aos ídolos, isto é, às "falsas" faces de Deus, como toda nova fé o diz daquelas que a precederam."*

1925 traz-lhe uma recompensa inesperada: uma viagem à U.R.S.S. Na volta, ele dará suas impressões, primeiro sob forma de artigos, para o jornal que lhe ofereceu a viagem; depois, condensando-os, rejeitando o supérfluo e o temporário, num livro intitulado: *Ce que j'ai vu en Russie* (O que vi na Rússia). Seu sucesso é imenso. Em seu próprio país, Kazantzaki não deixará, desde então, de ser o viajante que vos leva, por bem ou por mal, em suas bagagens, mais do que que ele é o poeta, o romancista e o ensaísta.

Ah! a U.R.S.S., o "solo sagrado da Matiuchka", com que amor profundo ele a cantará e como permanecerá fiel àquele país! Ajudá-lo, facilitar sua compreensão e amá-lo, este deve ser nosso objetivo. Pois é lá, na Rússia, que o novo mito de Deus tomará carne e osso. É de lá que nos virá a salvação.

Preso de novo nos fios da necessidade, e apesar de sua aparência de calma búdica, nós o sentimos bater a cabeça contra as grades da prisão. Sim, sim, bater, bater, bater nas grades de ferro. Dia virá em que elas cederão, a porta se abrirá novamente para um novo vôo.

*"Consevemos nossa alma intacta — me escreve ele — tenhamos paciência, não nos percamos em detalhes indignos. Nosso Deus, o terrível, o implacável, nos dará o que pedimos. Tenho confiança nele."*

Como comprovei mais de mil vezes, não foi sua cabeça que se quebrou contra as grades, mas foram as grades que cederam aos golpes dessa louca cabeça. De tanto desejá-lo, um país se abre a ele — não é ainda a U.R.S.S. ou a Índia. Mas não importa. O Egito será bem-vindo, pois Ulisses o atravessará e nele fundará

sua cidade utópica às margens do lago Nyanza, nas fontes do Nilo. Kazantzaki parte, então, com o coração leve, para o Egito e para o monte Sinai, e um novo livro de viagem nascerá dessa dupla peregrinação. Versos inumeráveis também, cantos inteiros para a sua *Odisséia*. Porque, pouco a pouco, Kazantzaki se identifica com Ulisses, os dois se fundem numa unidade indissolúvel.

Ele viu muitas coisas, gostou de muitas coisas, não agüenta mais, explode. Como uma mulher cuja hora chegou, é atormentado pelas dores. Não aspira a nada mais do que um canto solitário, "uma pensão tranqüila, talvez em Neuilly", para se instalar e escrever a segunda versão da *Odisséia*. "Eu trabalharei de dia; à noite, jantaremos juntos e faremos longos passeios..." "Paris é atualmente a capital do mundo. Creio que você me fará redescobri-la e amá-la. Procure, por favor, um lugar calmo, com grandes árvores e a possibilidade de se fazer longos passeios a pé..."

Esse sonho de longos passeios em Paris ele jamais realizará. Nikos Kazantzaki vem uma ou duas vezes a Paris, tenta se isolar, mas a falta de dinheiro e de conforto o expulsa de novo para as montanhas e as margens solitárias.

Em 1927, ele está ainda em Atenas. Impacienta-se ao ver que todas as promessas dos diretores de jornais caem por terra, uma a uma. Os jornais são pobres. Os gregos se consomem na política. O ar de Atenas se torna irrespirável. Kazantzaki se prepara para isolar-se em alguma ilha, com o olhar sombrio e os lábios amargos. Mas seu Deus, "o terrível, o implacável", o socorre. Ele havia concluído a segunda versão da *Odisséia*, isolado numa casinha de campo, em Egina, *nem mesmo desta vez à beira-mar, quando chegou uma carta de Moscou. Dentre todos os gregos, o governo soviético escolhera este visionário íntegro e inflamado, este homem que jamais concordou em camuflar a verdade, por mais derrotante que ela lhe pareça. Vai, portanto, pela segunda vez, a Moscou, para festejar o décimo aniversário da Revolução de outubro. Aí encontra Panait Istrati.*

É difícil, em alguns traços de pena, compor o retrato desses dois pernaltas, vestidos como gêmeos de província, em trajes idênticos, de um azul terno, muito apertados, confeccionados por um costureiro de senhoras. São ambos espontâneos e generosos, mas as diferenças de caráter se acusam à medida que se confrontam com a realidade soviética.

Os russos gostam deles, têm confiança neles. E a confiança é tamanha que não os vigiam; mas são muito pobres para subvencionar as despesas deles. Desmedidas serão também as ambições de nossos dois cavaleiros da Senhora Justiça. Conhecer a fundo a Rússia soviética? De pé, diante do mapa aberto, o cretense traça a rota a seguir: uma formidável cruz vermelha, do Turquestão a Murmansk e de Minsk a Vladivostok, por que não? E, se possível, uma rápida visita ao Japão, pois os soviéticos prometeram fornecer os dois